

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTORIA

M-94-02  
M-94-02

M O N O G R A F I A

**"Mossoró e o comercio algodoeiro  
na segunda metade do séc. XIX"**

**Pesquisadora: Francisca Vanúbia M. Diógenes**

**Orientadora: Marlene da Silva Mariz**

**Natal, (RN) 1994**

**Fca. Vanubia M. Diogenes**

**"Mossoró e o comércio algodoeiro  
na segunda metade do sec. XIX"**

**MONOGRAFIA APRESENTADA AO DEPARTAMENTO  
DE HISTORIA DA UFRN PARA OBTENCAO DO  
GRAU DE BACHARELADO EM HISTORIA**

**Natal, (RN) 1994**

## D E D I C A T Ó R I A

Ao meu querido avô, Napoleão Diógenes Pessôa, pelo exemplo de vida, humildade, dignidade, simplicidade e todas as suas demais virtudes, e valores tão esquecidos pelos homens. Homem de vida simples, que viveu do seu trabalho sem ambições e egoismos, sempre disposto a ajudar o próximo. Mas encontra-se sofrendo dia após dia, vítima de um mal terrível, o câncer. Enquanto teve forças, resistiu a essa doença, porém sem vitória.

Obrigada pelos ensinamentos, e principalmente pelas demonstrações de amor e efeto. E que Deus o recompense, pelo sofrimento, e pelo que não podemos fazer.

## A G R A D E C I M E N T O S

Agradecimentos especiais aos professores Marlene da Silva Mariz, Denize Monteiro Takeya, do departamento de História, e Jose Lcerda Alves Felipe, do departamento de Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela colaboração, apoio e orientação ao referido trabalho.

A todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

## S U M Á R I O

	INTRODUÇÃO .....	04
1	- HISTÓRICO DO ALGODÃO MUNDIAL .....	06
2	- CONTEXTO DO ALGODÃO NACIONAL E REGIONAL .....	10
3	- A QUESTÃO DA COTONICULTURA NO RIO GRANDE DO NORTE NO SEC. XIX.....	17
3.1	- O ALGODÃO E MOSSORÓ: Consequências com relação a so- ciedade a política e a economia.....	19
4	- ANEXOS.....	23
5	- REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
6	- BIBLIOGRAFIA.....	25

## I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho, inicialmente tentará mostrar de maneira geral a importância do algodão para a humanidade. Presente desde a antiguidade como importante produto agrícola. E com a era moderna, torna-se vital para as nascentes indústrias têxteis europeias. De acordo com esse contexto, procuramos desenvolver a pesquisa, observando que esse produto possibilitou a várias regiões do mundo, inclusive ao Brasil, um crescimento econômico voltado para o mercado externo, em decorrência da guerra de secessão, no período de 1860-1865.

Num segundo momento, a ênfase será dada ao fato dos Estados Unidos, em guerra civil, ter desabastecido de algodão a sua principal fonte, a Inglaterra, que ficará em crise. Será então no Brasil, mais precisamente na região nordeste, que os ingleses encontram um mercado abastecedor substituto. Isto posto, serão analisadas as mudanças ocorridas nessas regiões em função da exportação do algodão. Enfatizamos também, o histórico do algodão no Brasil, como lavoura autóctone e seu processo de consolidação no nordeste, como cultura democrática em substituição da tradicional lavoura canavieira.

Subsequentemente, será destacado em âmbito regional o Estado do Rio Grande do Norte, que como os demais estados do nordeste, também contribuirá com sua quota nas exportações, consolidando a posição de Natal como capital. Ressaltando a importância dos guarapes, local de compra e exportação de açúcar e algodão.

Em última análise, recebe destaque a cidade de Mossoró

segundo lugar em importância no Rio Grande do Norte. Remontaremos sua História, analisando os fatos que levaram uma região que surgiu basicamente da pecuária, se transforma em algumas décadas, na região algodoeira mais importante do estado. O período de 1860-1870, corresponde ao avanço mais expressivo da ascensão mossoroense, que foi beneficiada pelas suas condições naturais, e pela mentalidade mercantil de seus comerciantes. Tornando-se um empório comercial, servindo de entreposto entre a economia do litoral, por estar próximo ao porto, e a economia do sertão, e que através das exportações do algodão no período da guerra de seceção, inseriu Mossoró na divisão internacional do trabalho.

## 1 - HISTÓRICO DO ALGODÃO MUNDIAL

O algodão, no seu estado natural pode ser encontrado envolvendo as sementes de algumas plantas textis, particularmente as do genero GOSSYPIUM da família das malváceas: suas fibras são destinadas a fabricação de tecido. Embora o algodoeiro seja nativo de regiões umidas, que requerem chuvas frequentes, e também cultivado nas regiões áridas e mesmo em pleno deserto em culturas irrigadas como as do antigo Egito e da Ásia central. Essa cultura tornou-se pelo menos até a atualidade, uma lavoura de regiões quentes e de economia atrasada, talvez por ser uma planta perene, que floresce e produz sementes desde o primeiro ano, tornando-se o produto textil de maior procura e de especulação. (George, 1976. 130).

As referencias encontradas sobre o algodão, nos faz compreender que a sua existência é tão antiga quanto a própria humanidade. Os mais antigos impérios conhecidos da civilizacao, Egito, China, India e Mesopotamia, ja utilizavam suas fibras, para atender suas necessidades de consumo.

O Egito uma das civilizacoes mais antigas que conhecemos, embora com escassez de chuvas, mais favorecido pelos efeitos deixados pelas enchentes do rio Nilo, tornou-se desde a antiguidade um dos mais ricos centros agrícolas mundiais. Os seus primeiros cultivadores foram favorecidos com valiosas plantas tēxteis, principalmente o linho e o algodão. (Lobo, 1943.30 ).

Atraves do desenvolvimento da economia industrial, e da expansão europeia ( revolucao industrial ), o algodão milenar

sai das listas dos produtos tropicais e passa a ser adotado como a principal matéria-prima da era moderna, pelas sociedades industrializadas das regiões temperadas; ultrapassando assim, o domínio geográfico natural da planta, ampliando a área de extensão da cotonicultura. O valor do algodão era determinado pelo comprimento de suas fibras, pela sua resistência a tração, e pela sua finura.

A Inglaterra em 1790, supera os demais países da Europa, *em que?* devido a evolução dos meios de produção. O algodão continua superior na indústria têxtil. Por volta de 1800 com o emprego da força motriz nas técnicas de produção, substituiu o processo rudimentar de fabricação de tecidos. " Em 1813 a Inglaterra possuía 2500 oficinas de tecelagens mecanizadas, todas voltadas para o algodão." ( Mauro 1976.32 ).

Na França, o algodão também era a indústria de base, o maior desenvolvimento estava na fiação. Com a instalação de novas indústrias na Alsácia, o consumo é duplicado no período que vai de 1814 a 1826. A fome de algodão provocada pela guerra de secessão ( 1860 - 1865 ), força a falência de fiações numerosas, passada a guerra, revigora-se a produção favorecida pelo progresso técnico.

Em 1815 a economia alemã apresentava-se desfavorável ao processo de industrialização, por questões internas, guerras napoleônicas, bloqueio continental; e por fatores externos, crise comercial de 1817 e a fome do algodão em virtude da guerra de secessão. Com a implantação tardia da máquina a vapor, (entre 1830 e 1840 ) com relação a outros países da Europa. O algodão representa o setor mais avançado nas antigas indústrias têxteis, cerca de 750.000 trabalhadores. A Renânia, Alemanha do Sul e o Sax, representam os grandes centros algodoeiros.

Os países que compõem o Oriente Medio, eram essencialmente agrícolas antes de 1870, através de sistemas de irrigação, promovido pelos governos na tentativa de reorientação econômica. Desenvolveram-se em várias partes grandes culturas de exportação: o algodão no Egito, no Sudão e na Anatólia Ocidental.

E fato que a cotonicultura, percorreu grandes extensões de terras desde a Ásia até às Américas, como elemento importante da economia desde a antiguidade até a era moderna, compreendida pela industrialização, tornando-se no século XIX riqueza nacional para muitos países. No entanto, o fato do algodão ser uma cultura de especulação, sofreu em algumas regiões os efeitos das crises econômicas.

Devido à abundância de terras Norte-Americanas, a cotonicultura torna-se unânime na produção agrícola. O algodão produzido pelos Estados Unidos apresentava uma qualidade superior aos demais, era a região mais produtora, e aqui como na Europa tornara-se o têxtil motor.

No sul, a fibra longa do algodão vindo das Bahamas em 1796, alcançava grande produtividade, pois quando a fibra era passada por entre rolos girando em sentido contrário, facilmente era separada das sementes.

A Geórgia e a Carolina do Sul em 1820, eram responsáveis por mais da metade do algodão produzido no país. Sendo ultrapassado em 1850 pelo Mississipi, Alabama, Louisiana e o Texas. Entre 1850 e 1860, a metade da colheita passava para Nova Orleans. O sul era considerado o reino do algodão.

A Nova Inglaterra era responsável pelo consumo de 69% do algodão norte-americano, empregando na produção 122.000 operários.

Os interesses antagônicos latentes nos EUA, entre o norte manufatureiro, economicamente nos moldes tradicionais do colonialismo, (caminha a passos rápidos para a industrialização) Enquanto o sul, permanecia com uma economia agrária voltada para o mercado externo e baseada na grande propriedade escravista, geraram grandes tensões que acabaram levando o país a uma guerra civil.

A guerra de secessão que ocorreu de 1861 - 1865, fez com que o Sul dos EUA, sem o domínio dos mares cessassem as exportações algodoeiras para os teares da Inglaterra. A economia do sul, é finalmente dominada, pois, dependia do mercado mundial do algodão, e acima de tudo das indústrias inglesas.

As usinas inglesas sofrem da fome de algodão. Escoava-se por contrabando, uma parte da produção do algodão norte-americano. O Egito, a Índia e o Brasil, aproveitaram-se da guerra para aumentar suas partes no mercado mundial.

A guerra de secessão esta estreitamente ligada a história econômica dos Estados Unidos, tanto nas suas origens como no seu processo e em suas consequências. Acabada a guerra, a nação cresceu como nenhuma outra, tornando-se uma das grandes potências mundiais.

## 2 - CONTEXTO DO ALGODÃO NACIONAL E REGIONAL (NORDESTE)

O algodão produto nativo das Américas e do Brasil, teve seu cultivo intensificado, quando os europeus aqui chegaram e colonizaram nossas terras, Embora na época pre-colonial, nossos indígenas já o utilizassem para a fiação e fabricação de tecidos.

Durante o primeiro século de colonização, as fibras eram utilizadas para a fabricação de vestimentas grosseiras para o consumo das camadas mais pobres da população, inclusive para os escravos. Essa forma de utilização do produto o caracteriza no momento, como um elemento de subsistência relativamente importante para a economia colonial brasileira, embora as exportações ocorressem ocasionalmente, em pequena escala. (Prado 1981. 81).

Em meados do século XVIII, as exportações tornaram-se regulares, mais ainda não representavam uma cultura significativa no quadro das exportações, sua maior expressão se dava a nível local, chegando a circular em algumas regiões como o Maranhão, os novelos de fio e panos de algodão com valores monetários, na ausência da moeda.

O desenvolvimento natural da colônia cria condições favoráveis para uma maior difusão do cultivo do algodão. O crescimento populacional e o aumento de consumo de tecidos ordinários, e a facilidade de comercialização provocada pela abertura dos portos brasileiros às nações amigas em 1808. E principalmente fatores externos, com o aparecimento da máquina a vapor, e o seu emprego nas nascentes indústrias têxteis inglesas, impulsionadas pela revolução industrial européia.

O primeiro surto exportador do algodão no Brasil, começa quando o produto torna-se um dos principais componentes na pauta das exportações nacionais para Europa, em virtude da revolução industrial na segunda metade do século XVIII. O produto destina-se ao abastecimento das indústrias têxteis em ascensão, tomando a dianteira dos demais produtos tropicais aqui produzidos, efetivando-se como lavoura importante na economia agrário-mercantil da colônia. (Takeya 1985.26). Este caráter nos permite observar, o papel representado pela função de exportadora da nossa economia colonial, sendo o fator que determina qualquer atividade econômica em vulto. (Prado Jr.1980.81).

E a partir de 1750 que o algodão passa a compor o rol de produtos importantes do nordeste, com bastante peso na economia, chegando a aparelhar-se a cana de açúcar, e até mesmo superá-la. O único produto que enfrentou e disputou terras com a tradicional lavoura canavieira. Neste período era feito o controle de qualidade e seleção do produto destinado às exportações, através da criação da alfândega do algodão. A lavoura algodoeira a partir desta época provocou uma verdadeira revolução agrária no nordeste. (Takeya 1985.26). Possibilitou uma variação econômica, exportar um produto agrícola novo, saindo do exclusivismo criado pelo açúcar.

A primeira remessa de destaque do nosso algodão para o exterior, ocorre em 1760 com 651 arrobas, originário do Maranhão que era a principal área produtora e exportadora do produto. Esta era uma região pobre e inexpressiva no conjunto da colônia. Mas, o algodão a transformara em poucas décadas numa das capitâncias mais ricas, favorecida em particular pela Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão, dedicados ao

estímulo da produção. Em importância, a parecem em segundo lugar Pernambuco e Bahia com pequenas exportações. (Prado 1980.84).

Todo o país é atingido pelo surto algodoeiro, tornando-se um dos grandes produtores mundiais da fibra. A área por excelência do algodão se consolidou no nordeste, principalmente nas regiões do agreste e do sertão. Essas regiões foram favorecidas pela preferência do algodão por climas secos, contrario a cana de acucar que adaptava-se melhor no litoral. Este novo produto apresenta um benefício para a agricultura dessas regiões que só conheciam os pastoreio como incentivo econômico, a cotonicultura traz novas expectativas econômicas, mas por um período não muito longo, devido o afastamento dos portos de embarque, que dificultavam o transporte, acabando por reprimir a produção. O golpe final é lançado pela concorrência internacional, que dispunha de um produto com qualidade superior ao nosso, e a queda de preços no mercado mundial. Mais uma vez, nos deparamos com a fragilidade do tipo de economia criada pelo colonialismo, que produzia com exclusividade para o comércio com o exterior, impedindo o desenvolvimento nacional. Este tipo de relação comercial fixava as atividades da colonia, proximas aos portos de embarque e exportação, ficando em desvantagem as capitancias do interior. Embora em várias regioes do país tenha sido cultivada a lavoura do algodão, sera apenas o nordeste e o Maranhão que continuarão mantendo suas produções.

Para compreendermos o rápido avanço do algodão pelas terras do Brasil, precisamos resaltar os elementos que o diferenciam da lavoura canavieira. Para a cotonicultura expandir-se, não necessitou de investimentos financeiros altos ou um contingente de trabalhadores atrelados à terra. Pelo contrário, havia facilidade na produção, já que o algodão é um produto de cultivo simples, quase nada exige além da cultura

propriamente, seu benefício limita-se a separação dos carocos e ao enfardamento.(Frado 1980.63). As operações simples, não exigiam instalações especializadas. O processo de produção facilitava a separação entre a cultura e o beneficiamento, libertando o lavrador do ônus e das dificuldades da produção, o que era em regra feito por comerciantes que adquiriam a mercadoria em seu estado bruto.

As condições de cultivo e beneficiamento do algodão permitiram que a cotonicultura se tornasse atividade de pequenos agricultores, com recursos econômicos reduzidos. (Takeya 1985.26).

A própria natureza do algodão o tornou uma cultura mais democrática do que a cana de açúcar. Foi cultivado por grandes proprietários de terra, senhores de engenho com seus escravos, agropecuaristas, e também por pequenos proprietários e lavradores através do trabalho livre. Muitas vantagens favoreceram a cotonicultura; esta partilhava terras com outras culturas de subsistência, o que permitia ao pequeno agricultor diversificar sua lavoura, na mesma área com o mesmo trabalho. A rama do algodoeiro junto com a palha do milho serviam de alimento para o gado, beneficiando os criadores, que passaram a ver no algodão novas perspectivas de aumentar seus lucros, sem abandonar suas atividades anteriores. Além do mais o único investimento que o produto exigia era um pouco de trabalho, não incluindo-se na fase de produção o beneficiamento. E finalmente, por ter ciclo vegetativo curto, o algodão tornou-se "lavoura de ricos e pobres". (Andrade 1980.134). Podemos citar também um outro elemento da produção importante, que seria o fato da industrialização ser menos urgente e mais barata do que a da cana de açúcar, podendo ser executada por terceiros.

Para que um espaço qualquer desenvolva-se, necessita de fatores econômicos que promovam o seu crescimento. Podemos verificar essa teoria, através da importância da lavoura algodoeira para os interiores do Agreste e do Sertão nordestino. Estas regiões dispunham das condições naturais favoráveis para o crescimento e o desenvolvimento do algodão. Além do fator terra e clima, dispunha também de contingente humano necessário para a produção, impulsionados pelo enfraquecimento da cana-de-acúcar.

Gradativamente o algodão, promoveu a urbanização. As pequenas povoações foram adquirindo ares urbanos, quando os beneficiadores, que na realidade eram comerciantes, começaram a se estabelecer nos povoados locais, trazendo suas máquinas, incentivando uma concentração maior de pessoas que passaram a se fixar nas cidades, e desse tipo de lavoura tiraram-lhes o sustento como lavradores, coletores, descarocadores, bolandeiras, comerciantes, etc.

A princípio os tipos de algodão cultivado no nordeste, eram do tipo arbóreo, espécie nativa que para produzir necessitava de um período longo, em média de 3 a 4 anos. A partir de 1841 - 1850, em Pernambuco foram introduzidas mudas de algodão herbáceo de origem norte-americana. Este novo tipo apresenta qualidades superiores, principalmente por ter um ciclo vegetativo curto, com condições de adaptações climáticas variadas, espalhando-se pelo agreste do sertão. (Andrade 1980.134).

E a partir do século XIX, que propaga-se com maior intensidade a cotonicultura, é nesta época que começa a ser retirado o óleo da semente do algodoeiro. Intensificou-se mais ainda, quando os portos de Recife foram abertos, possibilitando a ligação direta entre o comércio do Brasil, com o da

Inglaterra, elevando consideravelmente os preços dos produtos de exportação.

Pelo facto da cotonicultura voltar-se para a exportação, produziu efeitos importantes sobre o nordeste, na sua estrutura social e económica. As exportações nacionais só eram feitas em grande escala, quando as indústrias textis inglesas não conseguiam negociar com outras regiões, principalmente com a produção norte-americana. Emfim, a produção do algodão nacional só era exportado em carácter emergencial para os ingleses. Quando os mares dos Estados Unidos estavam abertos ao comércio, nosso algodão apenas servia como complemento de consumo, diminuindo consideravelmente as exportações do Brasil.

Na década de 1860, aumenta a fome do algodão da Inglaterra, em virtude da guerra de secessão norte-americana que sem os domínios dos mares, teve suas exportações interrompidas para os ingleses. Além das qualidades das lavouras algodoeiras já citadas, este último acontecimento é primordial para aumentar o incentivo da produção algodoeira no Brasil, como também, nos demais países produtores que retomaram sua posição de fornecedores. Este período fica conhecido como rush algodoeiro. Além do agreste e do sertão, as terras e vales açucareiros cederam o lugar a lavoura do algodão, devastando-se matas para formarem plantações algodoeiras. No agreste as grandes plantações, possibilitaram alguns produtores uma vida de luxo.

Os locais destinados ao beneficiamento do produto eram improvisados, os descarçadores funcionavam em qualquer lugar. Por esta cultura ser mais democrática do que o tradicional açúcar, possibilitou que pessoas de recursos económicos reduzidos pudessem acender de posição económica e social, até

mesmo de pessoas de cor puderam igualar-se as senhores de engenho em poucos anos. Não obstante, o produto encarecia, pela dificuldade de transporte, devido a precariedade das estradas, já que o transporte era feito em dorso de animais, e principalmente pelo fato do porto de Recife onde era embarcado o algodão, esta distante dos locais de produção.

O que tornou o algodão uma cultura mais democrática do que a cana de açúcar, foi a possibilidade de ser produzido por diferentes setores da sociedade, com condições de ser plantada associada com outras culturas; ter ciclo vegetativo curto; e principalmente pelo fato do agricultor não ter necessidade de industrializá-lo, podendo ainda, utilizar a rama das culturas como ração suplementar para o gado nos meses mais secos, geralmente Janeiro e Fevereiro.

A lavoura do algodão, gradativamente foi extinguindo o trabalho, escravo neste tipo de cultura agrícola, até desaparecer por completo. Pelo fato de ser uma lavoura de ciclo vegetativo curto, e também pela colheita poder ser feita por mulheres, tornava-se desvantajoso para o produtor manter o escravo por todo ano atrelado à terra. se ocupavam por apenas 8 ou 9 meses, por isso o trabalho escravo foi sendo substituído pelo trabalho livre, nas fazendas do agreste. Para a época chegou-se a pagar salários elevados para as pessoas que trabalhavam nesta lavoura. ( Andrade 1980. 136 ).

### 3 - A QUESTÃO DA COTONICULTURA NO RIO GRANDE DO NORTE NO SÉCULO XIX.

Historicamente o Rio Grande do Norte, desenvolveu sua economia baseada na atividade agrícola nas áreas canavieiras e algodoceiras. E não se isolará da evolução econômica do nordeste no século XIX, muito embora o setor de mercado exterior somente tenha real importância para o seu crescimento na segunda metade do século e, mesmo assim por um período muito reduzido.

Depois da cana-de-açúcar, a cotonicultura era o ramo da lavoura mais importante na província, presente no período colonial e no império. Produzido em larga escala nos municípios de São Gonçalo, Pau dos Ferros, Jardim do Seridó, Campo Grande, Porta Alegre, Goianinha, São José de Mipibu, Mossoró, Macau, Angicos e Assú. Ceará Mirim e Touros em pequenas escalas. (Cascudo, 1984.382).

No decorrer do século XIX, a população do Rio Grande do Norte cresceu a taxas muito elevadas (1855 - 1870). O crescimento da economia potiguar durante este século, parece ter sido bastante intenso.

Durante o segundo ciclo do algodão no Brasil, as exportações do Rio Grande do Norte se expandirá rapidamente, tendo o agreste e a zona serrana, como as principais áreas produtoras.

A fundação da casa comercial de Fabrício Gomes Pedrosa, nos Guarapes (na curva do Rio Potengi) em 1859, constava com armazéns onde era feita a compra de açúcar e algodão, para exportá-los rumo a Europa, vem reforçar a posição da capital como

centro comercial do litoral e do agreste norte-riograndense. " A expansão do tráfego marítimo comprova a ascensão da cidade do Natal: 16 navios de longo curso em 1860, contra 41 em 1869 - 1870, bem como o crescimento populacional, de 6.500 hab. em 1865 para 20.392 hab. em 1872 ". (Arbocz, 1986.35).

Em decorrência da expansão da cotonicultura, e a intensificação dos fluxos comerciais, acelerou o crescimento de alguns núcleos urbanos localizados nas proximidades de áreas agrícolas como Apodi e Martins, e nas cercarias dos cruzamentos de estradas como Assu e Mossoró, especialmente quando situados perto da orla litorânea, já que o transporte marítimo era o mais importante meio de transporte do século XIX.

Com a guerra de secessão nos Estados Unidos ( 1860-1865 ) que fizera cessar as exportações do algodão norte-americano, para a Inglaterra, o Rio Grande do Norte aumentou sua quota de exportação. " As 13.528 arrobas exportadas em 1851 pularam para 140.000 em 1866. As exportações para portos estrangeiros que fora em 1859-1860, de 232:478 \$ 320, subiu em 1861 para 3.027:62 \$ 657. O intercâmbio acelerou-se, numa política instintiva de compensação comercial. Somente pelo porto de Liverpool vieram mercadorias no valor de 512:412 \$ 393 em 1859-1860 ". ( Cascudo, 1984.382 ).

*o que permitiu para o desenvolvimento  
de ...*

### 3.1 - O ALGODÃO E MOSSORÓ : CONSEQUENCIAS COM RELACAO A SOCIEDADE, A POLITICA E A ECONOMIA.

No século XVIII, Mossoró era uma região de gado e lavoura, distribuída em sesmarias. E como quase todas as cidades do interior nordestino surgiu da Fazenda de Gado, localizada as margens do Rio Apodí/Mossoro. A navegação deste rio, data do povoamento de sua ribeira, desde o primeiro quartel do sec. XIX, os pequenos barcos conduziam mercadores e ambulantes. (Souza, 1979.15 ).

A urbanização de Mossoró, está de certo ligada a prática da pecuária, uma vez que é devido a presença da fazenda Santa Luzia, que possibilitou a fixação demográfica. " As primeiras casas surgiram em torno da igreja Santa Luzia, capela construída pelo Sargento-mor Antonio de Souza Machado, dono de terras e gado na ribeira do Rio Mossoró ". ( Felipe, 1985 ). Até 1857 a ocupação ocorreu de forma lenta.

A partir de meados do sec. XIX, processa-se em consequência do surto algodoeiro, a afirmação do setor de mercado externo na economia regional das áreas sertanejas do Rio Grande do Norte, que se reflete no desenvolvimento correlato das atividades comerciais e da vida urbana, provocando uma reformulação na hierarquia e na vida dos núcleos urbanos situados nas ribeiras do Rio Mossoró/Apodí.

Com a progressiva decadência do porto de Aracati ( importante cidade comercial do Ceará ), os comerciantes dessa região foram cada vez mais forçados a utilizar a rota terrestre, para o comércio de carnes com destino a Recife, pelo Rio Grande do Norte, mais precisamente por Mossoró.

A aceleração da atividade comercial, correlato ao segundo surto algodoeiro ( 1860-1872 ), se refletira nos núcleos urbanos melhor situados, para dirigir o fluxo exportador. Sem dúvida Mossoró surge como um desses núcleos privilegiados, já que espacialmente ocupa uma posição estratégica favorecendo a ascensão de sua economia, além de contar com o porto de Areia Branca, consolidando sua fixação como entreposto entre a economia do litoral ( próximo do porto ), e a economia do sertão.

O comércio exportador do algodão, transforma em poucas décadas, a vila de Mossoró em " EMPORIO COMERCIAL " das plagas setentrionais do nordeste (centro comercial inexpressivo em 1841).

A regularização da navegação marítima a partir de 1866 ( contrato firmado em 1857 ), quando Mossoró passa a ser escala regular dos navios da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira, tem efeito decisivo para a fixação do centro comercial. Através do Porto de Areia Branca ( naquela época chamado de porto de Mossoró ), as exportações passaram a ser feitas diretamente para a Europa.

Desta forma, nasceu o empório comercial de Mossoró. Logo chegaram os comerciantes com suas firmas e capitais. Alguns de regiões próximas (Aracati), como também estrangeiros. Os primeiros foram os suíços Conrado Mayer, João Ulrich Graf, Henrique Burlly, Rodolfo Fuysl.

As condições econômicas favorecidas pela exportação do algodão a preços elevados, aliado ao elemento locacional, inseriu Mossoró na divisão internacional do trabalho, como centro de importação e exportação de mercadorias.

E nesse contexto de concentração de capitais e da população

que Mossoro acumula suas riquezas. " Nasceu a rua do comercio, e entra em vigor um código de postura, que estabelecia normas para a construcao de casas determinando a largura das calcadas, e altura dos predios, e ate o material a ser utilizado. Para os infratores eram estabelecidas penas que iam de multa a prisão ". ( Felipe,1985.33 ).

Os estrangeiros representados pelos suicos, portugueses, alemães e ingleses, como tambem os investidores de outras pracas comerciais do Brasil, perceberam logo a importância comercial de Mossoro nesse periodo. Importavam fazendas, e exportavam a maior quantidade de algodão do Estado.O estabelcimento comercial mais importante, ~~era~~ a Casa Graf ( estabelcida em Mossoró em 1866),era a maior expressão comercio mossoroense.

O período de 1860 a 1870, e sem duvida como considera Câmara Cascudo " A década do expansionismo",de construção de casas, armazéns e estabelcimentos comerciais.

Com o afastamento das marés depois de 1860, foram edificados os primeiros armazéns na margem esquerda do Rio Mossoró. Em 1865, contruido o Armazém da Jurema pelo governo da provincia. É tambem nesse periodo (1862), passados noventa anos de ~~de~~ construcao da capela de Santa Luzia, "esta é demolida, sendo construida no mesmo lugar a atual igreja da Matriz.( Souza,1979.23 ).

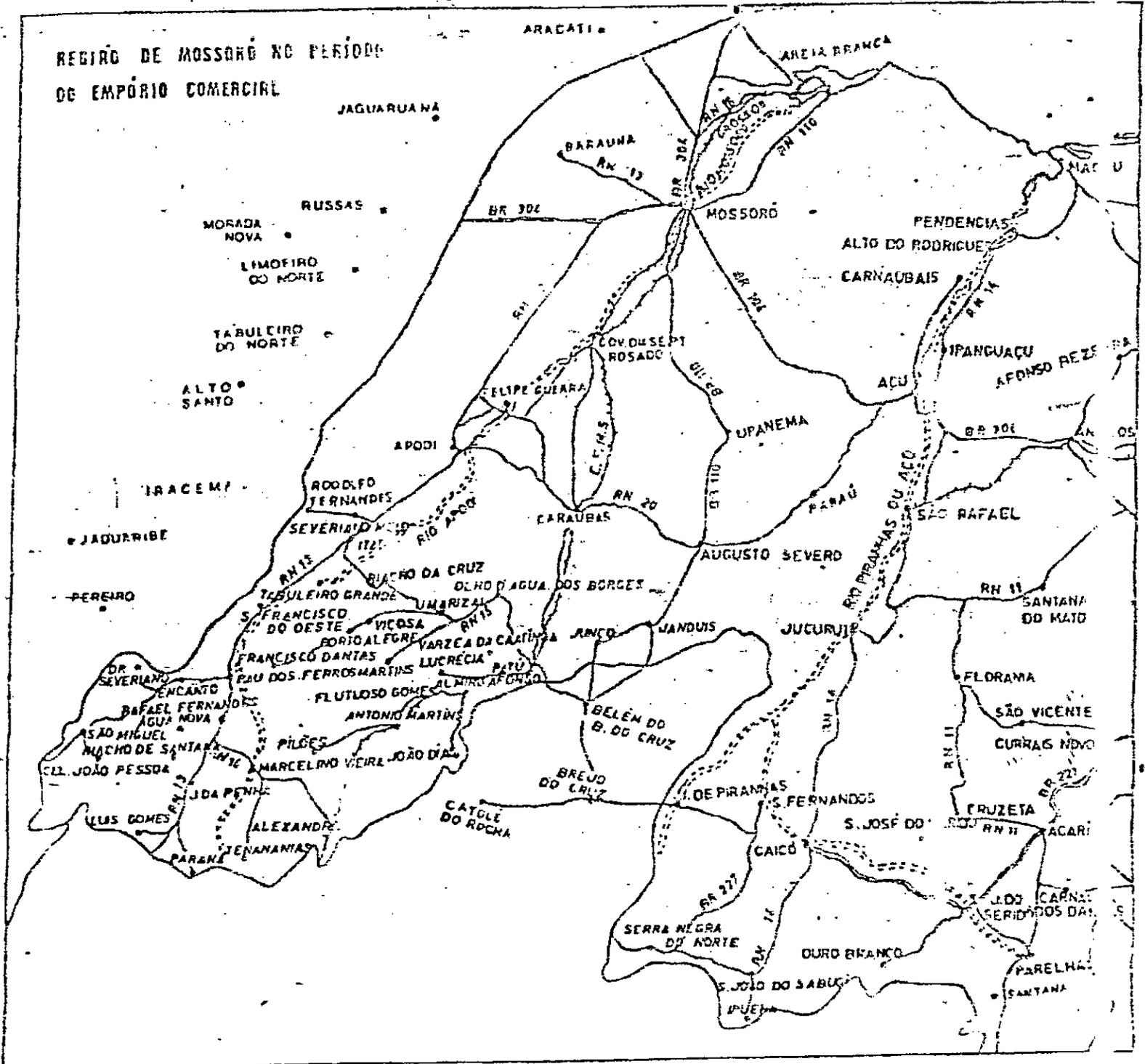
Cerca de 1867 a influencia de Mossoró se estende sobre a Zona Oeste e o Seridó no Rio Grande do Norte, e as ribeiras do Piancó e do Rio dos Peixe nos altos sertões da Paraiba.

Em 25 de Outubro de 1870, o deputado pe. Antonio Joaquim Rodrigues, vigário de Santa Luzia do Mossoró, apresentou um

projeto que se converteu na Lei nr 620 de 09.11.1870, dando a vila o predicado de cidade de Mossoró (Cascardo 1984.336).

O fato da antiga vila, ter se convertido em cidade, indica que o fato de Mossoró ter se transformado num forte empório comercial do algodão, (em decorrência) do período correspondente as décadas de 1860-1870, atingindo posição de destaque e de desenvolvimento econômico no Rio Grande do Norte, em virtude da guerra de secessão, privilegiado pela sua posição geográfica, acabou se transformando em uma importante área de circulação de mercadorias, homens e capitais.

"Mossoró tem uma história, fruto da ação de pessoas e grupos, que num dado momento histórico ocuparam um espaço, um lugar, e privilegiaram este espaço com seu trabalho, suas ideologias, suas vidas. O poder político, passa a ser dirigido, através das articulações entre os latifundiários e os comerciantes, que de acordo com seus interesses e perspectivas passam a organizar e reorganizar o espaço urbano regional." (Souza, 1985).



## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. MAURO, Frederick. **História economica mundial 1790-1970**. Zahar, Rio de Janeiro, 2ª edição 1976.
2. LOBO, Haddock R. **Pequena História da economia vol.VII, cap.II**, Livraria Martins, São Paulo, 1943.
3. GEORGE, Pierre. **Geografia economica**. Difel, São Paulo, Rio de Janeiro - 1976.
4. TAKEIA, Denise Monteiro. **Um outro Nordeste: O algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880 - 1915)**. Fortaleza, BNB, E TENE, 1985.
5. PRADO JUNIOR, Caio. **História economica do Brasil**. 250, ed. S.D. Brasiliense, 1980.
6. ANDRADE, Manuel Correia. **A terra e o homem no Nordeste**. 40 ed. São Paulo, ciencias humanas, 1980.
7. CASCUDO, Luiz da Camara. **História do Rio Grande do Norte - ed.** Fundação José Augusto, 1984.
8. ARBOCZ, István Inri Lázalo. **Ensaio sobre a História economica do Rio Grande do Norte**. Natal, UFRN ed. Universitária, 1986.
9. FELIPE, José Lacerda Alves. **Organização do espaço urbano de Mossoró**. UFRN, CCHLA.Coleção textos academicos, nº 363 - 1985.
10. SOUZA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró - ed. universitária/UFPB**, 1979. Coleção Mossoroense.
11. **História colonial - S/autor**. Arquivo Tereza Aranha. **Problemática da seca**. UFRN - S/data.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

1. COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia a república** - Livraria editora ciencias humanas Ltda. São Paulo, 1979.
2. MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos do Rio Grande do Norte**. Imprensa universitária, 1973, Natal-RN.
3. TAKEIA, Denise Monteiro, Hermano Machado Ferreira. **História política administrativa da agricultura do Rio Grande do Norte (1892 - 1930)**. Proed. 1ª ed.
4. LIRA, Augusto Tavares de. **O Rio Grande do Norte - 1911**, Rio de Janeiro, tipografia do Jornal do Comércio.
5. SILVA, Marconi Gomes e outros. **A economia Norte-riograndense e a crise de 29**. Natal, UFRN, ed. universitária - 1986.
6. SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. 2ª edição, São Paulo - Nacional.
7. STEIN JR, Stanley. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil (1850 - 1950)**. Rio de Janeiro, campus, 1979.
8. SILVA, Alcir Veras da. **Algodão e indústria têxtil no Nordeste: uma atividade econômica regional**. Natal, ed. universitária, 1980.
9. REVISTA, Terra e Sal. v. 6, nº 6 - 1985 - Natal, UFRN, ed. universitária.
10. SOUZA, Itamar de. **A república Velha no Rio Grande do Norte (1889 - 1930)**. ed. Centro gráfico do Senado Federal, 1989.
11. SILVA, Raimundo Nonato. **Evolução urbanística de Mossoró**. Col. Mossoroense - Mossoró, 1949. ESAM.
12. ROSADO, Vinght-un. **Andanças pela história de Mossoró** - Col. Mossoroense, vol. 44. Mossoró - 1980.
13. FELIPE, José Alves Lacerda. **Mossoró um espaço em questão**. Col. Mossoroense, vol. 141, Mossoró - 1980.

